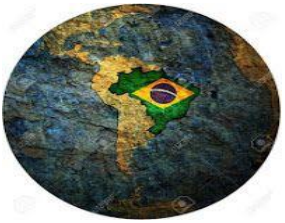
A PRINCESINHA DO BRASIL

POEMA HISTÓRICO E INÉDITO DE FRANCISCO MARIA BUENO DE SEQUEIRA

Organizador: Rogério Marques Sequeira Costa



"Quando a terra perde um justo, conta um anjo o céu de mais um". (Gonçalves Dias)

Maria, a Princesinha do Brasil,
era uma graça em carne revestida.
Bela, afável, gentil,
tinha o rosto a formosura e a vida.
E tinha na alma a candidez do lírio.

Se a visses caminhar solene e calma,
dirias ver um serafim do empíreo.
Ou ver a brisa baloiçando a palma
nas tardes feiticeiras.

Era o ideal das jovens brasileiras,
Vênus de Milo, Elena renascida!
Camélia rara que nasceu florida
no solo americano.

Tinha Maria um busto sobre-humano(*):
eram seus olhos castos, virginais,
dois pedacinhos do celeste anil,
bem como as auras que nos vêm do Sul,
respirações vitais.

Tal o bafejo da gentil donzela,
quando os seus lábios puros como mel,
numa prece singela
a Deus pediam bênçãos para os pais.
Maria possuía
tudo que o belo encerra,
tudo que é raro e encanta
os homens nesta Terra.

Tinha um nariz bem feito
e tinha a fronte larga, rosada,
no seu olhar tão vago,
havia um atrativo de fada.

Nas linhas dos seus dentes,
tão brancos como a neve
mimosa,
Havia um singelo
perfume peregrino
de rosa.

E sobre os lábios seus
pairavam, voejando,
sorrisos.
Os que a contemplavam,
ficavam desde logo indecisos.

Cabelos anelados desciam sobre os ombros
bem soltos.
E os brincos de ouro puro brilhavam
entre os cachos envoltos.

Seu colo alabastrino.
As mãos e mais as róseas orelhas
eram contraste vivo
entre as formosas
vestes vermelhas.

A aurora lhe emprestara as cores de ouro
para tingir-lhe o rosto.
E abrira a natureza o seu tesouro
para poupar-lhe o mínimo desgosto.

Quando em campanha roçagando seda,
essa menina à Igreja da paróquia
marchava leda.
Todos ao vê-la murmuravam pasmos:
- Eis a Princesa que passa!
Que formosura, que graça!

E extasiados(*) quando a bela vinha,
como se vissem nela uma rainha,
ébrios diziam:
- Eis a Princesa! Lá vem!
Quantas riquezas não tem!

Mas se ela, ao longe, à vista se roubava,
que mesmo ao longe atento a contemplava
já respirava:
- Eis a Princesa! Sumiu!
Feliz! Feliz! Quem a viu!

E quando em casa de seus pais se via,
tudo eram beijos paternais, sorrisos,
abraços amorosos,
aplausos e delírios voluptuosos.

Um dia, porém, a sorte
pejada gerou a morte.
Não há bem duradouro
na vida de miséria,
ruem palácios de ouro
e impérios colossais.

Esta é a Lei da matéria.
E os Reis e os Generais
caem também na escuridão da tumba.
A majestade se converte em pó.

Não há bem duradouro
na vida da matéria.
Há desgraça e é só.
Há dores e ilusões,
consternações e dó.

Se Maria não era majestade,
ao menos tinha o nome.
E, pois, devia sujeitar-se à Lei
nessa fatalidade
que não distingue, nem Vilão, nem Rei.

Pesava sobre nós o braço inexorável,
rijo, duro, execrável
da lusa tirania.
Que depois de levar com toda vilania
milhões de arrobas de ouro, em lágrimas lavado,
quis privar-nos também do tesouro sagrado
que encerra a nossa história:
a liberdade e a glória.

Nação, a mais atroz das gerações sanhudas,
Portugal queria arrastar-nos cativos
através do porvir de séculos nocivos
por toda a eternidade.
Levou-nos o ouro em pó colhido nas montanhas
e quis, enfim, covarde e ingrato como Judas,
tirar-nos as entranhas.
Sem nome e sem padrão de imorredoura Glória.
Seríamos (ó Maldade!)
a mais mesquinha e vil das gerações da história.

Alto lá! Lhe brada um punhado de bravos.
Já nos enfada enfim vivermos como escravos.
Se não retrais a mão, sanguessuga da terra,
terás, eternamente, encarniçada guerra.
Entre estes, se encontrava o Pai da Princesinha,
o lírio das alturas,
a mais gentil Rainha
de todas as reais ou fitas formosuras.

Mas, ai! Que se Jesus traído foi outrora,
os bravos são também por outro que adora,
qual novo Iscariote, o brilho do dinheiro.

Inácio, o pai querido de Maria,
já pressentindo o dia derradeiro
e as horas de agonia,
pensou num meio de livrar os seus
da terrível vingança.
Esqueceu-se de Deus,
da Pátria e até da honra
para pensar somente na família.

Pensou, considerou e, triste e quedo,
e frio e decidido,
mas trêmulo de medo,
ousou balbuciar, dando um gemido,
as seguintes loucuras:
- Filha dileta! Filha de minha alma!
Oh! Criatura bela angelical!
Estou perdido! Estás condenada!
Traídos todos, todos perseguidos,
eu condenado e tu de mim privado.
Eu morto já e tu sentenciada,
mas tenho ainda um raio de esperança.
Escuta, ó filha, ó cândida criança!
(Denunciando os outros companheiros).
Serei perdoado pelo despotismo
e livre então do abismo,
morto prá Pátria, vivo pela família ...

- Horror! Papai! Horror! Infâmia!
Estás alucinado!
Eu dou-te o meu amor, mas quero ver-te
morto pela Pátria.
Ver-te supliciado.
E não que sejas, nas futuras eras,
equiparado aos homens das galeras,
servindo aos oradores na Tribuna